

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora

© 2015  
Direitos reservados para Marcador Editora  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Copyright © 2014 por Kiera Cass  
Todos os direitos reservados

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito, exceto no caso de breves citações incluídas em artigos críticos e resenhas

Título original: *The One*  
Título: *A Escolha*  
Autora: Kiera Cass  
Tradução: Alexandra Cardoso  
Revisão: Paula Caetano  
Paginação: Maria João Gomes  
Arte de capa original: Gustavo Marx/Mergeleft Repts, Inc.  
Design de capa original: Sarah Hoy  
Arranjo de capa: Bruno Rodrigues/Marcador  
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-164-3  
Depósito legal: 397 985/15

1.ª edição: outubro de 2015

## Capítulo 1

Estávamos no Grande Salão, a aturar mais uma aula de etiqueta, quando entraram tijolos a voar pela janela. A Elise atirou-se imediatamente para o chão e, choramingando, rastejou em direção à porta lateral. A Celeste soltou um grito estridente e desatou a fugir para a parte de trás do salão, escapando por pouco a uma chuva de vidros estilhaçados. A Kriss agarrou-me pelo braço, puxando-me, e corremos as duas em direção à saída.

– Rápido, meninas! – gritou a Silvia.

Em poucos segundos, os guardas tinham-se alinhado junto às janelas e começaram a disparar. As rajadas sonoras ecoavam nos meus ouvidos enquanto fugíamos. Não importava se traziam armas ou pedras; quem demonstrasse qualquer grau de agressividade nas imediações do palácio morreria. Já não restava a mínima paciência para tolerar estes ataques.

– Detesto correr com estes sapatos – resmungou a Kriss, com o vestido enrolado no braço e os olhos fixos no fim do corredor.

– Uma de nós vai ter de se habituar a isso – disse a Celeste, respirando com dificuldade.

Revirei os olhos.

– Se for eu, passo a usar ténis todos os dias. Já estou farta.

– Conversem menos e corram mais! – gritou a Silvia.

– Como é que chegamos ao andar de baixo por aqui? – perguntou a Elise.

– E o Maxon? – perguntou a Kriss, esfalfada.

A Silvia não respondeu. Seguimo-la através de um labirinto de corredores, em busca de um caminho para a cave, enquanto víamos os guardas passarem por nós, a correr na direção oposta. Admirei--os, imaginando a coragem necessária para correrem *de encontro* ao perigo a fim de protegerem terceiros.

Era praticamente impossível distinguir uns dos outros os guardas que passavam por nós, até que um par de olhos verdes se fixou nos meus. O Aspen não parecia estar com medo, nem sequer sobressaltado. Havia um problema e ele iria resolvê-lo. Ele era mesmo assim.

A nossa troca de olhares foi breve, mas suficiente. Era assim que as coisas funcionavam com o Aspen. Numa fração de segundo, sem qualquer palavra, consegui dizer-lhe: *Tem cuidado e mantém-te em segurança*. E, sem abrir a boca, ele respondeu: *Eu sei, tem cuidado contigo*.

Apesar de lidar bem com aquilo que não precisávamos de dizer, não tinha a mesma sorte com o que dizíamos em voz alta. A nossa última conversa não fora das mais alegres. Eu estava prestes a deixar o palácio e pedira-lhe para me dar espaço, de modo a esquecer a Seleção. Depois, acabei por ficar e ainda não lhe dera qualquer explicação.

Talvez a sua paciência para comigo estivesse a esgotar-se e a sua capacidade de ver apenas o que eu tinha de melhor estivesse a chegar ao fim. Eu precisava de resolver isso de alguma forma. Não conseguia imaginar a minha vida sem o Aspen. Mesmo agora, enquanto esperava que o Maxon me escolhesse, um mundo sem o Aspen parecia-me inconcebível.

– Aqui está! – exclamou a Silvia, empurrando um painel secreto numa parede.

Começámos a descer as escadas, com a Elise e a Silvia à frente.

– Caramba, Elise! Despacha-te! – gritou a Celeste.

Gostava de ter ficado irritada com ela por ter dito aquilo, mas sabia que todas pensávamos o mesmo.

À medida que avançávamos na escuridão, tentei conformar-me com as horas que iríamos desperdiçar, escondidas como ratos. Continuámos a andar e os sons da nossa fuga abafavam os gritos, até que uma voz masculina ecoou por cima de nós.

– Parem! – ordenou.

A Kriss e eu virámo-nos ao mesmo tempo, olhando até distinguirmos claramente um uniforme.

– Esperem! – disse ela para as outras. – É um guarda.

Parámos nos degraus, sem fôlego. Uns instantes depois, ele alcançou-nos, também a arquejar.

– Perdão, senhoras. Os rebeldes fugiram assim que começámos a disparar. Acho que hoje não estavam com vontade de lutar.

A Silvia falou por nós, alisando o vestido com as mãos:

– O rei já decidiu que é seguro? Se não, você está a pôr em grande risco a vida destas jovens.

– O chefe da guarda aprovou. Tenho a certeza de que Sua Majestade...

– Você não fala pelo rei. Venham, senhoras, vamos continuar.

– Estás a falar a sério? – perguntei. – Vamos descer para nada.

Ela encarou-me de um modo que deteria até um rebelde, e eu calei-me. A Silvia e eu tínhamos construído uma espécie de amizade quando ela, sem o saber e com as suas aulas extra, me ajudara a não pensar no Maxon e no Aspen. Mas depois da minha gracinha no *Noticiário*, alguns dias antes, a nossa amizade parecia ter desaparecido. Virando-se para o guarda, ela continuou:

– Obtenha uma ordem oficial do rei e voltaremos. Continuem a andar, senhoras.

Eu e o guarda trocámos um olhar de frustração e afastámo-nos.

A Silvia não demonstrou qualquer remorso quando, vinte minutos depois, um outro guarda veio avisar-nos que podíamos regressar ao andar de cima.

Fiquei tão irritada com a situação que nem sequer esperei pela Silvia ou pelas outras. Subi as escadas, saindo algures no primeiro andar, e dirigi-me para o meu quarto, ainda com os sapatos pendurados nos dedos. As minhas aias não estavam, mas

havia sobre a cama uma pequena bandeja de prata com um envelope.

Reconheci imediatamente a caligrafia da May e rasguei o envelope, devorando as suas palavras:

*Ames,*

*Somos tias! A Astra é perfeita. Gostaria que estivesses aqui para a conheceres pessoalmente, mas compreendemos que precisas de ficar no palácio neste momento. Achas que estaremos juntas no Natal? Já não falta muito! Tenho de voltar para ajudar a Kenna e o James. Ela é tão bonita que mal posso acreditar! Aqui vai uma foto para ti! Adoramos-te!*

*May*

Retirei a fotografia de trás do bilhete. Estavam todos ali, menos o Kota e eu. O James, o marido da Kenna, parecia radiante, em pé e com os olhos inchados, ao lado da mulher e da filha. A Kenna estava sentada na cama a segurar um embrulhinho cor-de-rosa, com uma expressão simultaneamente emocionada e exausta. Os meus pais irradiavam orgulho e o entusiasmo da May e do Gerad era bem visível na fotografia. É claro que o Kota não apareceria; não ganhava nada com a sua presença. Mas eu deveria ter estado lá.

No entanto, não estava.

Estava aqui. E, às vezes, nem sabia porquê. O Maxon continuava a encontrar-se com a Kriss, apesar de tudo o que fizera para eu ficar. Do lado de fora, os rebeldes atacavam sem descanso e, no interior, as palavras frias do rei destruíam a minha confiança. O Aspen andava sempre por perto, à minha volta; um segredo que eu tinha de guardar. E as câmaras iam e vinham, roubando pedaços da nossa vida para entreter as pessoas. Sentia-me encurralada por todos os lados e estava a perder tudo o que sempre fora importante para mim.

Engoli as minhas lágrimas de raiva. Estava cansada de chorar.

Em vez disso, comecei a pensar num plano. A única maneira de resolver tudo era acabar com a Seleção.

Embora ocasionalmente ainda questionasse a minha vontade de ser princesa, não tinha qualquer dúvida de que queria pertencer

ao Maxon. E, para que isso acontecesse, não podia ficar de braços cruzados. Comecei a andar de um lado para o outro, à espera das minhas aias, enquanto recordava a minha última conversa com o rei.

Mal conseguia respirar e, por isso, sabia que tentar comer seria uma perda de tempo. Mas o sacrifício valia a pena. Precisava de fazer progressos e depressa. Segundo o rei, as outras raparigas andavam a atirar-se ao Maxon – fisicamente – e ele dissera que eu era demasiado simplória para ter alguma hipótese de as vencer nesse campo.

Como se a minha relação com o Maxon não fosse já bastante complicada, havia ainda a questão de reconquistar a sua confiança. E eu não sabia se isso significava não fazer perguntas, ou o contrário. Apesar de ter quase a certeza de que, fisicamente, ele não fora assim tão longe com as outras, não conseguia parar de me questionar. Nunca antes tentara ser sedutora – quase todos os momentos de intimidade que tivera com o Maxon haviam acontecido naturalmente –, mas, ao ser mais direta, esperava conseguir deixar claro que estava tão interessada nele como as outras.

Respirei fundo, ergui a cabeça e entrei na sala de jantar. Cheguei propositadamente atrasada um minuto ou dois, na esperança de que já estivessem todos sentados. Os meus cálculos estavam certos. Mas a reação foi ainda melhor do que eu esperava.

Fiz uma reverência, movendo a perna de modo a que a racha do vestido se abrisse e revelasse praticamente toda a coxa. O vestido era vermelho-escuro, sem alças e quase sem costas. Tinha a certeza de que as minhas aias deviam ter feito magia para que ele se mantivesse no sítio. Endireitei-me e olhei para o Maxon. Ele parara de mastigar. Alguém deixou cair um garfo.

Baixei os olhos e dirigi-me para o meu lugar, ao lado da Kriss.

– Francamente, America! – sussurrou ela.

Inclinei a cabeça na sua direção.

– O que foi? – perguntei, fingindo não perceber.

Ela pousou os talheres e encarámo-nos.

– Estás com um ar ordinário.

– E tu estás com inveja.

Devo ter acertado muito perto do alvo, porque ela corou um pouco antes de recomeçar a comer. Comi algumas garfadas contidas, sentindo-me extremamente apertada. Quando serviram a sobremesa, resolvi deixar de ignorar o Maxon, o qual, tal como eu esperava, tinha os olhos pregados em mim. Ergueu imediatamente a mão e mexeu na orelha e eu fiz o mesmo, timidamente. Deitei uma olhadela rápida ao Rei Clarkson e tentei não sorrir. Ele estava irritado por eu ter conseguido safar-me com mais um truque.

Pedi licença para me retirar antes de toda a gente, dando ao Maxon a oportunidade de admirar a parte de trás do vestido, e apressei-me a voltar para o meu quarto. Assim que fechei a porta, abri imediatamente o fecho do vestido, desesperada por respirar.

– Como foi? – perguntou a Mary, correndo para mim.

– Ele pareceu ficar embasbacado. Toda a gente ficou.

A Lucy soltou um gritinho e a Anne veio ajudar a Mary.

– Nós seguramos o vestido. Caminhe simplesmente – ordenou ela, e eu obedeci. – Ele vem esta noite?

– Sim. Não sei bem a que horas, mas vai aparecer de certeza.

Sentei-me na beira da cama, com os braços cruzados em volta da barriga para impedir que o vestido aberto caísse.

A Anne fez uma cara triste.

– Lamento que tenha de continuar desconfortável durante mais algumas horas, mas tenho a certeza de que irá valer a pena.

Sorri, tentando dar a impressão de que não me importava com o desconforto. Dissera às minhas aias que queria chamar a atenção do Maxon, mas não dissera que tinha a esperança de que, com um pouco de sorte, o vestido acabasse rapidamente no chão.

– Quer que fiquemos até ele chegar? – perguntou a Lucy, transbordando de entusiasmo.

– Não, ajudem-me apenas a fechar esta coisa. Preciso de pensar em algumas coisas – respondi, levantando-me para que elas pudessem ajudar-me.

A Mary agarrou no fecho.

– Sustenha a respiração, menina.

Obedeci e, ao ser mais uma vez espremida pelo vestido, pensei num soldado a preparar-se para a guerra. A armadura era diferente, mas a ideia era a mesma.

Esta noite, eu ia derrubar um homem.

## Capítulo 2

Abri as portas da varanda e deixei o ar perfumar o meu quarto. Embora fosse dezembro, a brisa era leve e fazia-me cócegas na pele. Já não tínhamos autorização para sair para os jardins, pelo menos não sem alguns guardas a acompanhar-nos e, sendo assim, isto teria de servir.

Andei pelo quarto a acender velas, tentando tornar o espaço mais convidativo. Assim que ouvi a pancada na porta, apaguei o fósforo e corri para a cama; depois, peguei num livro e espalhei o vestido à minha volta. *Ora claro, Maxon, tenho sempre este aspeto quando leio.*

– Entre – convidei, num tom tão baixo que mal se ouvia.

O Maxon entrou e eu levantei graciosamente a cabeça, notando o seu ar surpreendido enquanto observava o meu quarto pouco iluminado. Quando se virou finalmente para mim, fez deslizar o olhar pela minha perna descoberta.

– Chegaste – disse eu, fechando o livro e levantando-me para o cumprimentar.

Ele fechou a porta e avançou, com os olhos cravados nas minhas curvas.

– Queria dizer-te que estás fantástica hoje.

Atirei o cabelo para trás das costas.

– Ah, isto? Estava ali no fundo do armário.

– Ainda bem que o tiraste de lá.

Enlacei os meus dedos nos dele.

– Senta-te aqui ao pé de mim. Não te tenho visto muito, ultimamente.

Ele soltou um suspiro e respondeu:

– Desculpa. As coisas andam um pouco tensas por termos perdido tanta gente no ataque rebelde e tu sabes como é o meu pai. Enviámos vários guardas para proteger as vossas famílias e as nossas forças estão muito diminuídas; portanto, ele está ainda pior do que habitualmente. E anda a pressionar-me para terminar a Seleção, mas estou a resistir. Quero ter tempo para pensar bem nas coisas.

Sentámo-nos na beira da cama e eu cheguei-me a ele.

– Claro. Tu é que deves controlar isto.

Ele assentiu.

– Exatamente. Sei que já o disse mil vezes, mas fico doido quando as pessoas me pressionam.

– Eu sei – respondi, fazendo um ligeiro beicinho.

Ele fez uma pausa e eu não consegui interpretar a sua expressão. Estava a tentar descobrir um modo de fazer isto avançar sem parecer oferecida, mas não sabia como criar um momento romântico.

– Sei que parece uma parvoíce, mas as minhas aias hoje puseram-me um perfume novo. É muito forte? – perguntei, inclinando o pescoço para que ele pudesse cheirar.

Ele aproximou-se, tocando com o nariz na minha pele.

– Não, querida. É ótimo – respondeu, bem próximo da curva que conduzia ao meu ombro, beijando-me depois aí. Engoli em seco, tentando concentrar-me. Precisava de manter um mínimo de controlo.

– Ainda bem que gostaste. Senti saudades tuas, mesmo.

Senti a mão dele esgueirar-se pelas minhas costas e baixei o rosto. Ali estava ele, mergulhando os olhos nos meus, e os nossos lábios a milímetros de distância.

– Muitas ou poucas? – sussurrou ele.

Aquele olhar, combinado com a sua voz tão grave, estava a mexer com o ritmo do meu coração.

– Muitas – respondi, sussurrando também. – Imensas, mesmo.

Inclinei o corpo para a frente, desejosa de que ele me beijasse. O Maxon estava confiante. Puxou-me para si com uma mão e fez deslizar a outra pelos meus cabelos. O meu corpo queria derreter-se naquele beijo, mas o vestido impedia-me. Lembrei-me então do meu plano e voltei repentinamente a sentir-me nervosa.

Deslizei as mãos pelos braços do Maxon e conduzi os seus dedos até ao fecho nas costas do meu vestido, esperando que isso bastasse.

As mãos dele detiveram-se ali por um instante e eu estava prestes a pedir-lhe que abrisse o fecho, quando ele desatou às gargalhadas.

O riso dele fez-me voltar rapidamente à realidade.

– Qual é a graça? – perguntei, horrorizada, tentando pensar numa forma de verificar discretamente o meu hálito.

– De todas as coisas que já fizeste, esta é, de longe, a mais divertida! – O Maxon inclinava-se para a frente e batia no joelho de tanto rir.

– Desculpa?

Ele deu-me um beijo sonoro na testa.

– Sempre imaginei como seria quando tentasses. – E voltou a rir-se. – Desculpa; tenho de ir. – Até a sua postura demonstrava o quanto estava divertido. – Vejo-te amanhã.

E foi-se embora. Saiu, simplesmente!

Fiquei ali sentada, extremamente envergonhada. Como é que alguma vez pude pensar que conseguia fazer aquilo? O Maxon talvez não soubesse tudo sobre mim, mas conhecia o meu carácter. E esta... esta não era eu.

Olhei para o meu vestido ridículo. Era demasiado. Nem a Celeste teria ido tão longe. O meu cabelo estava demasiado perfeito, a minha maquilhagem demasiado carregada. Ele percebeu o que eu estava a tentar fazer assim que entrou. Suspirando, dei a volta ao

quarto, apagando as velas e perguntando-me como iria encará-lo no dia seguinte.

## Capítulo 3

Pensei em dizer que estava mal do estômago. Ou com uma dor de cabeça arrasadora. Um ataque de pânico. Sinceramente, qualquer coisa que me livrasse do pequeno-almoço.

Mas então pensei no Maxon e em como ele dizia sempre para agirmos com coragem. Esse não era um dos meus pontos fortes, mas se pelo menos conseguisse descer, se estivesse simplesmente presente, talvez ele me desse algum valor.

Na esperança de apagar pelo menos parte do que fizera, pedi às minhas aias que me vestissem a roupa mais discreta que tinha. Só por esse pedido, elas perceberam que era melhor não me perguntarem nada sobre a noite anterior. O decote era um pouco mais subido do que o que usávamos normalmente no clima quente de Angeles e tinha mangas que me chegavam quase ao cotovelo. Era florido e alegre, o oposto do visual da noite anterior.

Mal consegui olhar para o Maxon quando entrei na sala de jantar, mas consegui manter a postura.

Quando finalmente lhe lancei uma olhadela, ele estava a observar-me com um sorriso rasgado. Piscou-me o olho enquanto mastigava e eu voltei a baixar a cabeça, fingindo estar muito interessada na minha *quiche*.

– Que bom ver-te com roupa normal hoje – atirou a Kriss.

– Que bom ver-te de tão bom humor.

– O que é que te passou pela cabeça? – insistiu ela, entredentes. Desanimada, desisti.

– Hoje, não estou com paciência para isto, Kriss. Deixa-me em paz.

Por um instante, pareceu que ela iria reagir ao meu comentário, mas depois deve ter pensado que eu não merecia o esforço. Endireitou-se na cadeira e continuou a comer. Se eu tivesse tido algum sucesso na noite anterior, poderia ter justificado as minhas ações; mas considerando como tudo corra, nem sequer podia fingir orgulho.

Arrisquei outro olhar para o Maxon e, apesar de não estar a observar-me, ele continuava a conter-se para não demonstrar a satisfação que sentia enquanto cortava a comida. Era demais. Eu não ia passar um dia inteiro assim. Estava prestes a desmaiar, ou a fingir uma dor de barriga ou qualquer outra coisa que me tirasse dali, quando um mordomo entrou na sala. Trazia um envelope numa bandeja de prata e fez uma vénia antes de a colocar diante do Rei Clarkson.

O rei pegou na carta e leu-a rapidamente.

– Malditos franceses! – resmungou. – Desculpa, Amberly, mas parece que vou ter de partir dentro de uma hora.

– Mais um problema com o tratado do comércio? – perguntou ela, calmamente.

– Sim. Pensava que tínhamos resolvido tudo isso há meses. Temos de ser firmes neste assunto. – O rei levantou-se, atirou o guardanapo para cima do prato e dirigiu-se para a porta.

– Pai! – chamou o Maxon, levantando-se também. – Quer que eu vá consigo?

De facto, eu achara estranho o rei não vociferar nenhuma ordem para que o filho o seguisse quando se levantou, já que esse era o seu método habitual de dar instruções. Em vez disso, virou-se para o Maxon com um olhar frio e a voz cortante:

– Quando estiveres pronto para te comportares como um rei, poderás participar naquilo que um rei faz. – E, sem dizer mais nada, saiu.

O Maxon permaneceu de pé por um momento, chocado e embaraçado pela decisão do pai de o criticar diante de toda a gente. Quando se sentou, virou-se para a mãe:

– Para ser sincero, não me apetecia muito fazer a viagem – comentou, brincando para aliviar a tensão. A rainha sorriu, como era obviamente sua obrigação, e todas nós ignorámos o ocorrido.

As outras terminaram o pequeno-almoço e pediram licença para irem para o Salão das Mulheres. Quando apenas restávamos o Maxon, a Elise e eu à mesa, ergui os olhos para ele. Mexemos ambos na orelha ao mesmo tempo e sorrimos. Por fim, a Elise saiu e nós encontrámo-nos no meio da sala de jantar, sem nos importarmos com as criadas e os mordomos que limpavam à nossa volta.

– É por minha causa que ele não te leva – lamentei.

– Talvez – provocou-me ele. – Acredita, não é a primeira vez que ele tenta pôr-me no meu lugar e, na cabeça dele, existem milhares de motivos para o fazer. Não me surpreenderia se, desta vez, o principal motivo fosse o despeito. Ele não quer perder o controlo, mas quanto mais perto eu estiver de escolher uma esposa, maior é a probabilidade de isso acontecer. Apesar de ambos sabermos que ele nunca largará completamente as rédeas.

– Talvez devesse mandar-me de vez para casa. Ele nunca irá deixar que me escolhas.

Ainda não contara ao Maxon como o seu pai me encurralara e ameaçara no meio do corredor, depois de o Maxon o convencer a deixar-me ficar. O Rei Clarkson deixara bem claro que eu devia ficar calada em relação àquela conversa e eu não queria irritá-lo. Ao mesmo tempo, desagradava-me muito esconder isto do Maxon.

– Além disso – acrescentei, cruzando os braços –, depois da noite passada, não percebo por que razão queres manter-me aqui.

Ele mordeu os lábios.

– Desculpa por me ter rido, mas, a sério, que outra coisa podia eu fazer?

– Eu tinha bastantes ideias – murmurei, ainda envergonhada com a minha tentativa de o seduzir. – Sinto-me tão parva – acrescentei, escondendo o rosto nas mãos.

– Para – disse ele com gentileza, abraçando-me. – Acredita que foi muito tentador, mas tu não és assim.

– Mas não deveria ser? Não deveria isto fazer parte do que somos? – lamentei, com o rosto escondido contra o seu peito.

– Não te lembras da noite no abrigo? – perguntou ele, baixinho.

– Sim, mas aquilo era basicamente a nossa despedida.

– Teria sido uma despedida fantástica.

Recuei e dei-lhe uma leve palmada. Ele riu-se, feliz por ter ultrapassado o desconforto da situação.

– Vamos esquecer isso – propus.

– Está bem – concordou ele. – Além disso, tu e eu temos um projeto para pôr em prática.

– Temos?

– Sim. E com o meu pai fora, é uma boa altura para começarmos a pensar em ideias.

– Está bem – disse eu, entusiasmada por fazer parte de algo que era apenas entre nós os dois.

O Maxon suspirou, fazendo-me ficar ansiosa em relação ao que ele estava a planear.

– Tens razão. O meu pai não te aprova. Mas pode ser obrigado a ceder se conseguirmos uma coisa.

– Que coisa?

– Temos de fazer com que sejas a favorita do povo.

Revirei os olhos, exasperada.

– É *nisso* que vamos trabalhar? Maxon, isso nunca vai acontecer. Vi uma sondagem numa das revistas da Celeste, depois de ter tentado salvar a Marlee. As pessoas não me suportam.

– As opiniões mudam. Não deixes que esse momento te desanime.

Eu ainda achava que era impossível, mas o que poderia dizer? Se esta fosse a minha única opção, tinha pelo menos de tentar.

– Está bem – disse eu. – Mas digo-te já que não vai resultar.

Com um sorriso malandro no rosto, ele aproximou-se e deu-me um beijo lento e demorado.

– Pois eu digo que vai.

## Capítulo 4

Entre no Salão das Mulheres com a mente focada no plano do Maxon. A rainha ainda não chegara e as raparigas estavam reunidas ao pé das janelas, a rir.

– America, anda cá! – chamou a Kriss, com urgência. Até a Celeste se virou para trás com um sorriso e me fez um gesto para que me juntasse a elas.

Apesar de estar um pouco desconfiada sobre o que poderia encontrar, aproximei-me do grupo.

– Oh, meu Deus! – exclamei.

– É, não é? – suspirou a Celeste.

Metade dos guardas do palácio, de tronco nu, corriam em volta do jardim. O Aspen contara-me que todos os guardas tomavam injeções para ficarem fortes, mas aparentemente faziam também bastante exercício para se manterem em forma.

Apesar de sermos todas leais ao Maxon, não podíamos ignorar aquela visão de tantos rapazes giros.

– Aquele loiro... – disse a Kriss. – Bem, acho que é loiro. Eles têm o cabelo tão curto!

– Eu gosto deste – disse a Elise, baixinho, quando um outro soldado passou a correr pela nossa janela.

A Kriss soltou uma risadinha:

– Não acredito que estamos a fazer isto!

– Oh, oh! Aquele ali, de olhos verdes... – disse a Celeste, apontando para o Aspen.

A Kriss suspirou.

– Dancei com ele no *Halloween* e, além de bonito, é muito divertido.

– Também dancei com ele – gabou-se a Celeste. – É, de longe, o guarda mais giro do palácio.

Tive de me rir. Imaginei como ela se sentiria se soubesse que o Aspen fora um Seis.

Observei-o a correr e pensei nas centenas de vezes em que aqueles braços me tinham abraçado. A distância que aumentava entre o Aspen e eu parecia inevitável, mas, mesmo agora, não conseguia deixar de pensar se haveria alguma forma de manter uma parte do que tivéramos. E se eu precisasse dele?

– E tu, America? – perguntou a Kriss.

O único que me atraía era o Aspen, mas, depois de sentir aquela dor por ele, tudo isto me parecia uma estupidez. Evitei a pergunta.

– Não sei. São todos muito simpáticos.

– «Simpáticos»? – repetiu a Celeste. – Deves estar a gozar! São os tipos mais giros que já vi.

– É apenas um grupo de rapazes de tronco nu – repliquei.

– Ah, é? Então, regala bem a vista porque, assim que acabar, só vais poder olhar para nós as três – disse ela, insolente.

– Não me importo. O Maxon fica tão bem de tronco nu como qualquer um deles.

– O quê? – guinchou a Kriss.

Só percebi o que tinha dito um segundo depois de as palavras me escaparem da boca. Três pares de olhos encaravam-me fixamente.

– Quando é que tu e o Maxon estiveram de tronco nu? – quis saber a Celeste.

– Eu não estive!

– Mas ele esteve? – perguntou a Kriss. – Foi por isso que puseste aquele vestido horroroso, ontem?

A Celeste soltou uma exclamação:

– Sua vadia!

– Desculpa?! – gritei.

– De que é que estavas à espera? – retorquiu ela, cruzando os braços. – A não ser que queiras contar-nos o que aconteceu e explicar por que razão estamos erradas.

Mas não havia forma de explicar o assunto. Despir o Maxon não fora exatamente um momento romântico e não podia contar--lhes que estivera a tratar-lhe dos ferimentos nas costas, que tinham sido especificamente causados pelo pai dele. O Maxon passara a vida a guardar esse segredo. Se o traísse agora, seria o fim da nossa relação.

– A Celeste esteve agarrada a ele, seminua, nos corredores! – acusei, apontando-lhe o dedo.

Ela ficou de boca aberta:

– Como é que sabes?

– Será que toda a gente já esteve nua com o Maxon? – perguntou a Elise, horrorizada.

– Nós não estávamos nus! – gritei.

– Esperem – disse a Kriss, erguendo os braços. – Temos de tirar isto a limpo. Quem é que fez o quê com o Maxon?

Calaram-se todas por alguns instantes. Ninguém queria ser a primeira a falar.

– Eu beijei-o – revelou a Elise. – Três vezes, mas foi só isso.

– Eu nunca o beijei – confessou a Kriss. – Mas foi por opção minha. Se eu tivesse deixado, ele ter-me-ia beijado.

– A sério? Nem uma vez? – perguntou a Celeste, chocada.

– Nem uma.

– Bem, eu beijei-o bastante – disse a Celeste, atirando o cabelo para trás e decidindo sentir-se orgulhosa em vez de envergonhada.

– A melhor vez foi no corredor, uma noite. – Olhou para mim.

– Só repetíamos como era emocionante saber que poderíamos ser apanhados.

Por fim, viraram-se todas para mim. Lembrei-me das palavras do rei, quando insinuara que talvez as outras estivessem dispostas a ser bem mais promíscuas do que eu. Mas agora sabia que essa era

apenas mais uma das suas armas, uma tentativa de me fazer sentir insignificante. Decidi ser sincera.

– O primeiro beijo do Maxon foi comigo, não com a Olívia. Eu não queria que ninguém soubesse. E depois houve alguns outros momentos mais íntimos. E, numa dessas vezes, o Maxon ficou sem camisa.

– Ficou sem camisa? Ela voou pela cabeça dele, assim, como que por magia? – insistiu a Celeste.

– Ele despiu-a – admiti.

Ainda não satisfeita, a Celeste teimou:

– Ele despiu-a ou *tu* tiraste-lha?

– Acho que fomos os dois.

Depois de alguns momentos de tensão, a Kriss retomou a palavra:

– Muito bem. Agora, todas sabemos a posição de cada uma.

– E qual é? – perguntou a Elise.

Ninguém respondeu.

– Só queria dizer... – comecei – ... que todos esses momentos foram muito importantes para mim e que gosto do Maxon.

– E queres dizer que nós não gostamos? – vociferou a Celeste.

– Eu sei que *tu* não gostas.

– Como te atreves?

– Celeste, não é segredo nenhum que tu queres alguém com poder. Aposto que até gostas um pouco do Maxon, mas não estás apaixonada por ele. O que tu queres é a coroa.

Sem o negar, ela virou-se para a Elise.

– E esta? Nunca vi nenhuma sombra de emoção em ti!

– Sou reservada. Deverias experimentar – rebateu a Elise, calmamente. Aquela centelha de raiva fez-me gostar um pouco mais dela. – Na minha família, todos os casamentos são combinados. Eu sabia que o mesmo se passaria comigo e é apenas disso que se trata. Posso não estar completamente apaixonada pelo Maxon, mas respeito-o. O amor pode vir depois.

A Kriss falou com simpatia:

– Isso parece ser um pouco triste, Elise.

– Não é. Há coisas mais importantes do que o amor.

Todas encarámos a Elise, digerindo as suas palavras. Era por amor que eu lutava pela minha família e também pelo Aspen. E agora, apesar de me assustar pensar nisso, tinha a certeza de que todas as minhas ações relacionadas com o Maxon – mesmo as mais idiotas – eram também motivadas por esse sentimento. Mas, e se existisse algo mais importante do que isso aqui?

– Bom, eu admito: eu amo o Maxon – desabafou a Kriss.  
– Amo-o e quero que ele se case comigo.

As palavras dela fizeram-me regressar à discussão e senti vontade de desaparecer por um buraco no chão. O que é que eu tinha começado?

– Muito bem, America, confessa – exigiu a Celeste.

Senti-me gelar e comecei a respirar com dificuldade. Demorei um pouco a encontrar as palavras certas.

– O Maxon sabe como me sinto e isso é tudo o que importa.

Ela revirou os olhos perante a minha resposta, mas não me pressionou mais. Sem dúvida que receava que, se insistisse, eu lhe fizesse o mesmo.

Ficámos ali, a olhar umas para as outras. A Seleção já durava há meses e agora podíamos ver, finalmente, os verdadeiros contornos da competição. Todas tivéramos um vislumbre da relação de cada uma das outras com o Maxon – de parte dela, pelo menos – e podíamos compará-las.

Pouco depois, a rainha entrou e desejou-nos um bom dia. Depois de a cumprimentarmos com uma reverência, afastámo-nos todas. Procurámos os cantos do salão e retraímo-nos para dentro de nós mesmas. Talvez tudo se resumisse a isto. Havia quatro raparigas e um príncipe, e três de nós voltariam para casa em breve, com pouco mais do que uma história interessante sobre como passáramos o outono.